DISCURSO DE FORMATURA DA TERCEIRA TURMA DO CURSO DE DIREITO, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E COMÉRCIO EXTERIOR DO INSTITUTO DE DIREITO PÚBLICO E CIÊNCIA POLÍTICA*

ADILSON VIEIRA MACABU

Aos novos formandos:

Devo confessar que recebi com agradável surpresa minha indicação espontânea para paraninfo, não obstante consciente da enorme responsabilidade face ao mosaico do brilhantismo dos professores integrantes do corpo docente.

Tocou-me esta singular distinção, sem, contudo, afetar a humildade que norteia meus atos.

Seria uma grande honra dentro de quaisquer circunstâncias receber este convite dos talentosos e inesquecíveis integrantes da terceira turma do Curso de Direito, Relações Internacionais e Comércio Exterior, que hoje se pós-gradua, com a qual tive o privilégio de debater conceitos e situações que caracterizam a vida internacional contemporânea, nas suas facetas multidimensionais e contraditórias.

Como paraninfo, desejo, em nome dos dedicados e consagrados professores que contribuíram para o êxito do curso, apresentar um agradecimento especial à Fundação Getulio Vargas através da figura proeminente e dinâmica do seu presidente, Dr. Luiz Simões Lopes, e do Min. Themistocles Brandão Cavalcanti, profeessor, jurista e magistrado incomparáveel, modelo de humanista, grande idealizador e orientador deste curso, cuja experiência e cultura acrescidas a uma inconfundível sensibilidade, representam um exemplo vivificante e criativo para a nossa geração.

Vivemos uma época marcada por grandes transformações, onde o homem, perplexo diante de tal cenário, busca uma resposta satisfatória para os dilemas inquietantes, cuja dimensão reflete em grande parte o impacto da ciência e da tecnologia sobre a sociedade internacional.

O progresso das comunicações determinou uma multiplicação no volume de relações e facilitou as trocas nos variados campos de atividades.

* Proferido em solenidade realizada no dia 28 de junho de 1976.

A difusão dos conhecimentos ampliou o intercâmbio de idéia e criou condições objetivas, favoráveis ao progresso. Entretanto, o comércio internacional e a fragilidade das economias dos países subdesenvolvidos os colocam, na maioria das vezes, em condições desfavoráveis e insustentáveis.

No último século operou-se uma completa transformação na estrutura da sociedade, permitindo o aparecimento da civilização industrial.

Tais mudanças acarretaram uma elevação contínua da produtividade bem como um aperfeiçoamento tecnológico incessante que caracterizam a sociedade de consumo ou de afluência, no dizer de Galbraith.

Os resultados desta evolução não podem ser considerados positivos, porquanto, ao lado do desenvolvimento alcançado, surgiu um grande número de desequilíbrios que ameaçam a paz e, em conseqüência, levam o homem a tomar consciência de suas responsabilidades sociais.

O progresso contribuiu para o aparecimento de grandes concentrações urbanas — um dos mais graves desafios à sociedade atual — ao colocar o homem em contato com um meio hostil e arbitrário, onde a necessidade crescente de obras de infra-estrutura concorre, efetivamente, para ampliar cada vez mais a área de atuação do Estado na economia.

Por outro lado, a qualidade de vida passou a ser uma das preocupações mais inquietantes dos grupos humanos, uma vez que o nível de vida não se mede apenas pela capacidade de compra dos indivíduos, mas pela qualidade do ar que eles respiram, da água que bebem, dos alimentos que consomem.

Ao mesmo tempo, esta preocupação representa uma contradição da sociedade tecnológica, pois existe um grave e doloroso problema a desafiar: a consciência universal. A crescente miséria, pobreza e fome dos países subdesenvolvidos, que atingem mais de 70% da população mundial, insuficiências que respondem por uma baixa expectativa de vida dessas populações.

Paradoxalmente, o poder de destruição dos Estados que lideram as decisões internacionais, numa *détente* irracional, mantida pelo equilíbrio do terror no vaivém das negociações diplomáticas, atingiu níveis jamais imagináveis, não existindo qualquer indício de que esta corrida armamentista esteja perto do seu fim.

A crise de energia também determinou uma proliferação nuclear sem procedentes na história da humanidade, que teve como pretexto inconfessável a utilização da eletricidade nuclear como forma de substituição das fontes tradicionais de energia.

A difusão das técnicas de enriquecimento de urânio e o aperfeiçoamento de armas nucleares de pequeno calibre constituem uma ameaça com riscos incalculáveis e incontroláveis, pois, além da possibilidade de serem usados pelos Estados, podem servir aos desmandos das organizações privadas que praticam atos de terrorismo.

A noção de "segurança relativa", alicerce da política de Kissinger, que defende em lugar da confrontação uma era de cooperação é insuficiente para pôr fim à insegurança coletiva.

Tais problemas são extremamente complexos, pelas múltiplas implicações que apresentam nas suas conotações políticas, econômicas, jurídicas e militares.

Desta forma, o homem, primeiro habitante da terra a se transformar em autodestruidor do seu meio-ambiente, ao fazer do seu planeta um lugar inseguro para se viver, precisa ser sensível ao perigo que esta destruição representa para a humanidade presente e futura, e deve, em conseqüência, criar para si deveres imperiosos, que não podem ser postergados pela volúpia do lucro financeiro imediato, porque, como asseverou Burke, "tudo quanto é necessário para o triunfo do mal é que os homens bons façam nada".

Nos últimos três anos, uma nova categoria de países aparece no cenário mundial e domina as atenções internacionais. São os países exportadores de petróleo, extremamente ricos mas subdesenvolvidos, tendo em vista que a nova riqueza acumulada não modificou, até o momento, os outros aspectos que caracterizam o subdesenvolvimento.

Logo que surgiu a crise do petróleo, os problemas econômicos ligados ao subdesenvolvimento e à procura de fórmulas capazes de atenuar seus efeitos constituíram as preocupações dominantes dos países subdesenvolvidos, fazendo com que as Nações Unidas adotassem uma Resolução propondo uma nova ordem econômica mundial.

Em dezembro de 1974 uma desconhecida unidade monetária denominada "copec" passou a figurar nas colunas do seminário financeiro britânico *The Economist*. Ela representava os excedentes de divisas obtidos pelos países exportadores de petróleo, membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, (OPEP) e que eram estimados em 60 bilhões de dólares.

Estabeleceu-se, assim, o valor de um ano "copec" em 60 bilhões de dólares, um dia "copec" em 164 milhões de dólares.

A referida publicação calculou que 167 dias "copec" permitiriam comprar 100 Concordes. Segundo as estimativas do Banco Mundial, publicadas na mesma época, os excedentes petrolíferos acumulados deveriam atingir 650 bilhões de dólares em 1980 e um trilhão e 100 milhões de dólares em 1985.

Anunciava-se, também, a participação espetacular dos países da OPEP nas empresas industriais ocidentais. Surgiu, então, o grande desafio econômico e político da reciclagem dos recursos acumulados, abruptamente, pelos países produtores, após os aumentos consideráveis do preço do petróleo em 1973-1974, fontes de tantos desequilíbrios e de uma espiral inflacionária, cujos reflexos não pouparam os países ricos e desintegraram ainda mais as economias dos países pobres e em desenvolvimento.

A elevação do preço da energia perturbou o esquema original, pois a crise do sistema internacional reduziu as possibilidades de ajuda, proporcionada pelos países industrializados.

Assim, o futuro das relações econômicas internacionais dependerá do sucesso das negociações entre os países industrializados desenvolvidos e os

países subdesenvolvidos, cujas reuniões difíceis e atribuladas são efetuadas num abiente marcado pelo aumento dos lucros dos países exportadores de petróleo, pela desconfiança e pela esperança dos mais pobres em conseguir concessões substanciais dos países industrialmente desenvolvidos, tanto nas transferências dos meios financeiros como nas preferências ou vantagens comerciais.

É no domínio econômico que os problemas políticos das relações internacionais apresentam uma esperança de solução, através da cooperação dos Estados industrialmente desenvolvidos, objetivando realizar esforços convergentes para uma maior compreensão face aos problemas do desenvolvimento dos países menos industrializados e mesmo dos que não são industrializados.

Os temas econômicos constituem uma preocupação universal e a situação dos países subdesenvolvidos atingiu, nos últimos anos, proporções alarmantes.

O espectro da fome, que não foi afastado pela "revolução verde", evidencia um desenvolvimento inadequado dos recursos alimentares para atender a crescente explosão demográfica.

Nem as facilidades de crédito, nem os termos de troca mais favoráveis, ou mesmo a ajuda econômica poderão inverter a tendência e impedir o naufrágio das economias mais frágeis.

Uma saída possível talvez seja a concessão pelos países exportadores de petróleo de uma parte dos recursos provenientes da exportação deste produto, o que no plano político atenderia a uma comunidade de interesses, capaz de promover o progresso econômico e social, compatível com as necessidades dos países pobres.

Não dispondo de outros meios de pressão os novos Estados soberanos afirmam seu poder político e econômico comercializando as matérias-primas essenciais ao crescimento equilibrado e à manutenção do nível de vida dos países mais industrializados.

A escolha é sempre difícil. Não foi por acaso que um filósofo como Sartre colocou Mathiev como símbolo de uma época de transição e um humanista como Gide escolheu a disponibilidade como atitude ideal do homem.

No fundo, a escolha de um caminho implica o abandono de inúmeros, ou melhor, a desistência de todo um infinito de possibilidades. Referir-se a um ponto significa destruir as alternativas e não pode haver ato menos filosófico do que eliminar as alternativas.

O grande desafio para os países subdesenvolvidos é a necessidade de adaptar suas estruturas sociais e jurídicas às exigências de uma economia moderna. Todo progresso de envergadura no campo econômico exige um passo à frente, no sentido da modernização da sociedade.

Em 1962, duas revistas francesas, *L'Express* e *Réalités,* profetizaram em conjunto o fim da era dos Estados. Tais profecias encontraram ressonância em diversos relatórios recentemente realizados nos países desenvolvidos.

A ameaça viria das empresas multinacionais.

Guy Desroussiles, em obra atual, acredita que o Estado está destinado a se dissolver em entidades transnacionais: mercado monetário mundial; empresas multinacionais; e — numa etapa mais avançada — Comunidades Supranacionais, controladas por assembléias escolhidas pelo voto direto.

As empresas multinacionais formam, atualmente, a terceira potência mundial. Dotadas de seu próprio sistema monetário, exercem uma função de "coordenação transcultural", proporcionada por uma capacidade de previsão que lhes permite o controle progressivo da produção nas sociedades industrializadas e nos Estados periféricos.

Por seu intermédio, as trocas internacionais de bens culturais, materiais, de informação e de tecnologia são transformadas, progressivamente, em trocas internas, realizadas por um pequeno número de empresas ligadas entre si.

Diante deste quadro, seria concebível aceitar a superioridade da grande empresa sobre o Estado?

Não estamos inclinados a pensar desta forma, pois as empresas transnacionais possuem uma grande fragilidade, nem sempre identificada, qual seja, a ausência de território. E mais, o Estado dispõe de medidas tributárias e fiscais, além de outros mecanismos, que acionados corretamente minimizam a influência destes complexos conjuntos multinacionais.

Estas especulações futurológicas constituem uma criação pelo espírito, do mundo de amanhã, mas podem exercer, se compreendidas inadequadamente, uma influência determinante sobre o que acontece hoje. Cabe, então, distinguir os acontecimentos passados e futuros. Esta diferença não implica, necessariamente, que o valor atual dos acontecimentos passados seja independente das decisões presentes.

Para Arnold Toynbee, os diversos tempos de um acontecimento, de um lugar, de um povo, decorrem em ciclos mais ou menos grandes, quase sempre terminados por uma situação de "desafio e resposta".

O problema é, portanto, de escolha. Na hora do desafio é preciso escolher a resposta certa. No drama, às vezes na tragédia, do "desafio e resposta", jaz o ponto crítico da trajetória de um povo, de um sistema ou de uma época.

Assim, é de se esperar que aos desafios internos e externos de um Estado seu povo responda com o máximo de coragem intelectual.

É preciso, face a tais ameaças e por não existir, ainda, um poder supranacional ou mundial, manter, fortalecer e aperfeiçoar o Estado soberano, por ser ele o mecanismo de estrutura de poder mais adequado de que podemos dispor.

Trata-se, antes de tudo, de dotá-lo de condições modernizantes, de conscientizar e responsabilizar suas elites intelectuais e empresariais, para enfrentar os famosos "imperativos tecnológicos" e os novos tempos.

Assim, o planejamento na economia mista, caracterizada pela coexistência da iniciativa privada com a participação pública supletiva, parece ser o modelo capaz de dar uma resposta satisfatória aos principais pro-

blemas da economia, onde a inflação e os déficits no balanço de pagamentos, ocasionados pela quadruplicação dos preços internacionais do petróleo, formam elementos perturbadores, que afetam a produtividade e limitam o crescimento e o desenvolvimento econômicos.

Dentro deste panorama econômico, o incremento do comércio internacional apresenta-se como uma alternativa atraente.

Em economia, o bem e o mal das coisas têm sua dose de relativismo. Não poucas vezes os efeitos das desgraças alheias constituem a felicidade dos outros. É o paradoxo da abundância e da escassez.

O desenvolvimento não se confunde com o crescimento econômico. São noções que diferem entre si.

O desenvolvimento pode-se manifestar em todas as áreas: nos campos social, jurídico, político, econômico, cultural, educacional e tecnológico. Contudo, exige uma ação coordenada, dirigida pelo Estado, na elaboração das políticas interna, externa e econômica, bem como uma modernização política e econômica.

A ausência de um esforço conjugado nestas áreas pode determinar o fracasso dos esforços de desenvolvimento.

Atualmente, ao estudar o desenvolvimento, costuma-se indagar se a industrialização, a atividade das empresas multinacionais, a tendência de maior estatização da economia, a burocratização, o fortalecimento do poder executivo e a multiplicação das relações e dos contatos entre os diversos Estados possibilitam a utilização de modelos originais de desenvolvimento ou se acarretam, necessariamente, a propagação de um modelo único de homogeneização do mundo?

Hoje, ao mesmo tempo que a interdependência entre as economias é geralmente reconhecida, o liberalismo integral de M. Simon admite uma certa dose de intervenção.

Em conseqüência, nunca é demais sublinhar que a intervenção na economia deve ser a exceção e não a regra.

Antes de concluir, desejo enfatizar o papel que está reservado às elites brasileiras. Todos devem ser responsáveis pela formulação de uma sociedade, alicerçada em instituições adequadas e sensíveis às necessidades coletivas.

O êxito de um país mede-se pela qualidade dos seus recursos humanos. A tecnologia é apenas o resultado da aplicação científica do conhecimento humano. O intelectual tem uma função insubstituível a ser desempenhada no aperfeiçoamento das sociedades e na elevação do padrão de vida de sua geração.

Para tanto, deve preservar seu senso de criatividade, seu amor às inovações e procurar soluções inortodoxas.

O espírito não pode parar de crescer enquanto todos os elementos que o cercam caminham para a frente. O estudioso deve examinar o que lhe é dito; deve duvidar dos seus professores; deve acreditar no valor dos seus sentimentos subjetivos; deve apreciar a diversidade das coisas e das idéias. Deve-se expor, seguidamente, tanto quanto possível, à mais ampla varie-

dade de situações e de contrastes; deve, mais do que tudo, procurar desenvolver suas próprias potencialidades. Este é o exato significado da palavra educar.

Se o homem do seu tempo não retornar à sua biblioteca e à universidade a fim de recarregar as baterias, se não intercambiar idéias, se não buscar um contato com a natureza e com as coisas simples, se não compreender a filosofia e sabedoria de Pascal, ao afirmar "descobri que toda a desgraça dos homens vem de uma só coisa. O não saber estar tranqüilamente em uma sala". Se, portanto, não entender nada disto, tornar-se-á um burocrata inoperante e insensível à realidade que o cerca. A natureza do homem se exprime no amor e na confiança pelo seu semelhante, em desenvolver-se e em crescer, em viver identificado com a natureza em aprender a transformar e a humanizar a paisagem, em ser consciente, na honestidade de suas relações pessoais, no respeito pelo indivíduo, no acatamento aos padrões morais e éticos e no amor pela beleza em todas as suas formas.

É memorável a parábola de um filósofo que se encontrou em seu caminho com três quebradores de pedra. Perguntou, ao primeiro, o que fazia; quebro pedras, respondeu. O segundo, à mesma pergunta, afirmou: ganho o meu salário. O terceiro, levantando a cabeça, disse: construo uma catedral. Esta é uma lição. Uma grande lição sobre a consciência da missão pessoal em cada profissão.

Não posso encerrar sem antes dirigir-lhes uma mensagem de fé e de esperança no futuro do nosso país e na geração em que vivemos. Fé de que ajudaremos a implantar um novo estilo de vida, uma nova maneira de viver. Assim, surgirá, um novo homem com imaginação, com energias renovadas por uma ética de dimensão humana, um homem que é parte integrante do seu tempo.

Finalmente, quero expressar meu comovido agradecimento, neste templo do conhecimento, que é a Fundação Getulio Vargas, laboratório da cultura brasileira, pela honra que me conferiram. Nossa convivência foi uma experiência magnífica e inesquecível. Constituiu uma estimulante oportunidade para revisar idéias com pessoas inteligentes, incrivelmente interessadas e de notável capacidade, que me ensinaram mais do que receberam.

Que a sociedade em que vivemos seja cada vez mais criativa no sentido de atender às aspirações humanas. Muito obrigado.